

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

ERNEST LENOIR — «*Quid*» de l'homme? — 1 vol. de 200 págs.,
Librairie Ernest Léroux, Paris, 1934.

Depois duma larga introdução em que, citando numerosos factos, combate o misonheísmo *à outrance* de certos meios e se detem sobretudo na crítica das ideias de Vialleton sobre a evolução, o autor examina alguns aspectos dos problemas das relações genealógicas entre o homem e os antropóides (especialmente o gibão) e entre o homem de Neanderthal e o homem moderno. Merecem-lhe particular atenção os caracteres da mandíbula de Mauer, as relações entre os antropomorfos e o homem nos pontos de vista da locomoção, do cérebro, do pulmão, do fígado, do cecum e do apêndice, da placenta, das glândulas, da coluna vertebral, do pterion, do pescoço, dos órgãos genitais, etc., o significado dos restos do *Pithecanthropus*, do *Sivapithecus* e do *Sinanthropus*, etc.

A despeito das estatísticas de Keith e doutros factos, E. Lenoir entende que é o gibão o antropóide com o qual o homem tem mais estreitas relações, e, quanto ao homem de Neanderthal, é de opinião que se não trata, como correntemente se admite, duma espécie colateral e desaparecida, mas dum intermediário na cadeia genealógica do homem moderno.

O livro de E. Lenoir contém muitos factos interessantes, mas em geral são tratados dum modo demasiado sumário. Algumas explicações propostas deixam-nos cépticos: o grande comprimento dos membros superiores do gibão explicar-se-ia «pela ginástica incessante e desordenada a que êle habitualmente se entrega»... No entanto, como disse, o livro, a-pezar-das suas pequenas dimensões, reúne muitos factos de interêsse para o debate dos problemas postos. Todo o estudioso de antropologia zoológica lerá, com interêsse e mesmo certo proveito, êste volume.

É justo salientar que o autor é desapaixonado e se defende de vãos de imaginação como os de Haeckel. É cabida a reprodução que faz destas palavras de Serres: «Na paleontologia humana,

o erro ameaça-nos de tantos lados, que nunca são demasiadas as reservas nas induções feitas sobre a consideração dos restos ósseos.

MENDES CORRÊA.

MARIO BARBÀRA — *I fondamenti della craniologia costituzionalistica* — 1 vol. de 181 págs., ilustrado, Roma, 1933.

O A. começa por fazer uma descrição das diferentes teorias que até hoje tem sido apresentadas no objectivo de achar uma relação entre o físico e o psíquico. Faz depois referência aos métodos de estudo dos crânios: métrico e descritivo, e, a propósito, apresenta objecções a um e a outro e destaca pela sua importância o de Frassetto que se funda nos graus de desenvolvimento, e ao qual o A. dá a denominação de «critério embriológico», notando contudo, e com razão, que enferma de alguns defeitos do método descritivo.

Estabelece então o seu «nuovo critério biológico, anatomo-funzionale, costituzionalistico» da classificação dos crânios. Pretende o A. com este método, relacionar a fisiopatologia com a forma do crânio.

Discípulo de Viola, adopta o critério deste sob o ponto de vista constitucionalístico e faz corresponder à vida vegetativa o crânio facial, limitado superiormente por um plano que passa pela raiz do nariz e pelo foramen auditivo, e à vida de relação o crânio cefálico, situado acima daquele plano. A cada uma dessas partes, no critério de Viola, correspondem respectivamente, o tronco e os membros.

Expõe em seguida algumas objecções que podem ser postas ao seu método, procurando interpretá-las pelo lado fisiológico, baseando-se simplesmente no raciocínio e nada em elementos experimentais, os quais, ve parece, devia procurar, como também devia procurar a existência ou não de correlação entre os «valores» do tronco e crânio facial e entre os dos membros e crânio cefálico. O próprio A. confessa que não sabe se tal correlação existe. A dar-se a negativa, podiam aparecer indivíduos braquítipos pelo crânio e longítipos pelo «habitus», o que biologicamente se não compreende, a não ser que estas denominações não correspondam a nada de fisiológico, o que vem tirar grande parte do valor a essa doutrina constitucionalística.

Na escolha das medidas o A. afasta-se um pouco das normas

da Antropologia, como de resto é vulgar ver em médicos que se dedicam a assuntos antropológicos.

Reparte os crânios por 13 grupos: um tipo médio, quatro combinações, quatro variedades e quatro formas de passagem. E, da mesma maneira que na sua modificação aos grupos constitucionais de Viola, tira-lhe o valor sintético.

Faz estudos sobre 367 crânios de lígures e chega à conclusão de que o tipo mais freqüente é o braquítipo (incluindo nêle as variedades, combinações e formas de passagem que se lhe ligam), com 221 casos, sendo menos freqüentes os harmónicos (incluindo da mesma forma as combinações correspondentes). Compara o tipo dos crânios com o índice cefálico e chega à conclusão de que não há relação nenhuma entre uma coisa e outra.

Juntamente com Muzio, Bardanzellu e Casazza, tenta aproximar a conformação dos ossos temporais e palatinos, a sela turca e a órbita.

Nota-se bastante, neste trabalho, a influência da escola de Lombroso, cujas ideas estão já um pouco abaladas.

A obra é ilustrada com fotografias de alguns crânios estudados e com diagramas, acompanhados da respectiva explicação.

A. MATEUS.

PEDRO BELOU — *Revision Anatómica del Sistema Arterial* — 1 vol. de XVI + 544 págs. e dois Atlas estereoscópicos de 243 + 199 estampas, Buenos Aires, 1934.

A recente fundação da Sociedade de Anatomia normal e patológica veio, por assim dizer, consagrar e unificar o importantíssimo labor dos morfologistas argentinos que, nos últimos anos, desenvolveram, em Buenos Aires e nas outras cidades universitárias, um dos mais importantes centros de estudos de Anatomia humana macroscópica.

A primeira obra de vulto apareceu em Buenos Aires no ano de 1925 ⁽¹⁾ e deve-se a Lagos Garcia; seguiu-se-lhe, em 1930 ⁽²⁾, Pedro Belou, com um trabalho de grande mérito, que a Academia

⁽¹⁾ Lagos Garcia, *Las deformaciones de la sexualidad humana*, Buenos Aires, 1925.

⁽²⁾ Pedro Belou, *Atlas de Anatomia del Organó del oído y de las Regiones con el vinculadas*, Buenos Aires, 1930.

de Medicina de Paris galardoou com o Prémio Testut no ano seguinte.

No enalço do eminente Professor de Anatomia descritiva de Buenos Aires seguiu o seu Colega de Anatomia topográfica Eugénio Galli (1), publicando, três anos depois, um belo estudo de Anatomia seccional do tórax, e especialmente do coração.

Em 1934, os dissectores da cátedra de Pedro Belou (2), em número de vinte e nove, deram à luz um luxuoso tratado de técnica anatómica em dois volumes, ilustrados com cêrca de 600 figuras originais.

Falando no esfôrço colossal dos anatómicos daquele País, não devemos esquecer os notáveis e originais trabalhos de museologia do Prof. Pedro Ara que, depois da obra que realizou em Cordoba (Argentina), se transferiu para Madrid, em cuja Faculdade de Medicina continua o seu labor.

A última obra de Pedro Belou consta de três grossos volumes. Prefaciada pelo Prof. Lapersonne, o Tomo I, dedicado à técnica, é profusamente ilustrado com documentação fotográfica e foto-tricrômica totalmente original.

De origem francesa, Pedro Belou ocupa há vinte anos a Cadeira de Anatomia descritiva da Faculdade de Ciências Médicas de Buenos Aires, e sempre se ocupou especialmente do sistema arterial, podendo, assim, apresentar agora uma obra verdadeiramente monumental sôbre o assunto.

Além do trabalho de investigação pessoal, Belou estudou a obra de todos os anatómicos do mundo, principalmente os do último século, mencionando uma bibliografia exaustiva, na qual inclui largamente a parte portuguesa.

Em vinte anos, Pedro Belou observou o sistema arterial de três a quatro mil cadáveres. Calcule-se o que pôde fazer, com tão opulento material, um observador sagaz e laborioso como Belou.

O estudo técnico é extremamente desenvolvido e, para mostrar a riqueza da documentação, basta dizer que a bibliografia apenas no fim do Tomo I, ocupa cêrca de duzentas e cinqüenta páginas.

A colecção iconográfica do Instituto de Pedro Belou compreende 120 fotografias tricrômicas, 2:500 fotografias e 3:500 estéreo-fotografias sôbre trajectos arteriais.

(1) Eugénio Galli, *Corazon, Estudio descriptivo y topográfico*, Buenos Aires, 1933.

(2) Prof. Pedro Belou. *Prática Anatómica por los disectores de la cátedra de Anatomia*, 2 vol., Buenos Aires, s. d.

Na impossibilidade de editar todo êste material fotográfico, fez-se uma selecção que, todavia, compreende uma iconografia bem sufficiente para estudar as disposições normais e as principais variações do sistema arterial.

A primeira parte do Atlas (Tomo II) compreende as artérias da cabeça, pescoço, tórax e membro superior, e a segunda parte (Tomo III) ocupa-se das artérias do abdómen, da bacia e do membro inferior.

Não considera ainda completa a sua tarefa o grande anatómico de Buenos Aires; a obra em três volumes que estou analisando sucintamente é apenas a primeira parte do vasto programa de Belou, que promete editar ulteriormente um Tratado de Anatomia descritiva e topográfica do Sistema Arterial, que virá completar o seu programa.

Para ser, tanto quanto possível, completo, Pedro Belou pede aos seus colegas do mundo inteiro que lhe mandem exemplares dos seus trabalhos sôbre morfologia do sistema arterial, os quais serão devidamente citados na sua futura obra.

J. A. PIRES DE LIMA.

K. SALLER, CH. GUTBIER, A. KOHL & F. SCHIERECK — *Über die Vererbung der Kopfmasse und Indices* — Extr. de «*Zeitschrift für Konstitutionslehre*», vol. XVIII, fasc. 1.

Os AA. investigaram a hereditariedade das medidas e índices da cabeça, colhendo as observações numa população bastante homogênea, como é a do Holstein oriental.

Mas, antes de entrarem propriamente no estudo da hereditariedade, examinaram os caracteres não só debaixo do ponto de vista morfológico como ainda genético.

Notaram que, na formação dos diferentes caracteres, desempenham um papel muito importante a sua correlação, a diferença sexual e as influências da idade; que tôdas as medidas da cabeça analisadas são mais ou menos influenciadas pela estatura; e que as correlações das medidas absolutas da cabeça entre si são, na maior parte dos casos, positivas.

Relativamente à hereditariedade, depois de terem calculado os coeficientes de correlação entre as médias dos pais e as dos filhos, sendo o valor maior de 0,43, concluem afirmando que é necessário investigar a correlação entre pais e filhos, não só relativamente à mesma medida, mas ainda tomando em consideração a depen-

dência entre uma e as outras medidas. Em face dos números apresentados, conclue-se, como dizem os AA., que nos caracteres estudados existe uma evidente polimeria como já os resultados do estudo morfológico e genético das medidas claramente indicavam.

A. ATHAYDE.

HERNANI MONTEIRO — *Visibilidade do sistema linfático no vivo* — Extr. do «Portugal Médico», Pôrto, 1934.

O ilustre professor de Anatomia Topográfica da Faculdade de Medicina do Pôrto resume nesta conferência realizada em Lugo por ocasião das «Jornadas Médicas Galegas» de 1933 os resultados das experiências suas e de seus dedicados colaboradores Roberto de Carvalho, Alvaro Rodrigues e Souza Pereira para obter a visibilidade dos vasos linfáticos no vivo. Estas investigações estão na sequência das de Egas Moniz, Reinaldo dos Santos, etc., sobre arteriografia e flebografia, e foram inspiradas, durante o estudo da anátomo-fisiologia do simpático — a que Hernani Monteiro, Alvaro Rodrigues e Souza Pereira se consagraram — pela necessidade de averiguar da influência das simpaticectomias sobre a circulação da linfa.

Injectadas nos gânglios de cães substâncias opacas (abrodil, tordiol e ultimamente o torotraste, que é preferível), conseguiu a técnica consagrada de Roberto de Carvalho excelentes radiografias.

É escusado salientar a importância que este método, aplicado ao homem, virá de-certo a ter não só em Fisiopatologia e Clínica como na própria Fisiologia Geral.

M. C.

ALFREDO NICEFORO — *Profilo di una statistica biológica* — 1 vol. de 300 pág., extr. da «Difesa Sociale», Roma, 1934.

O grande Mestre da estatística dá-nos neste volume uma bela síntese da história, do estado actual e das perspectivas da estatística biológica. Examina em primeiro lugar os factos susceptíveis de apreciação estatística, refere-se em seguida às estatísticas médicas, à bio-estatística vegetal e animal e respectivas leis quantitativas e aplicações biométricas experimentais, à Antropo-estatística e Psico-estatística, aos estudos estatísticos em Eugenia e Genética, à Biosociologia ou Biologia social, etc. Por fim, ocupa-se dos

novos métodos de cálculo, da seriação, da variabilidade, da probabilidade e erros prováveis, dos perfis gráficos para o estabelecimento dos caracteres normais e anormais, da correlação.

São muito lúcidas e importantes as considerações do A. sobre o factor biológico na vida social, sobre o valor social das raças, sobre o exame biosociológico dos grupos de excepção (criminosos, homens de génio, etc.), sobre o aumento da população e dos grupos, etc.

O autor, espírito duma clara visão crítica e duma rara erudição, fornece neste livro seguras directrizes a quem quiser orientar-se nestas matérias em que a prudência e o saber se devem encontrar permanentemente associados.

M. C.

DR. RENÉ MARTIAL — *La Race Française* — 1 vol. de 350 págs., «Mercure de France», Paris, 1934.

O Dr. René Martial, encarregado do curso de Imigração no Instituto de Higiene da Faculdade de Ciências de Paris e conferente na Escola de Antropologia, considera a raça, não apenas no ponto de vista morfológico, mas também nos aspectos psicológico e histórico. Define-a «o conjunto duma população cujos caracteres psicológicos latentes ou manifestos (a língua especialmente) e cujos traços antropobiológicos constituem no tempo (história) uma unidade distinta». A trilogia «antropologia, psicologia, história» lhe serve de base para a noção de raça. Na verdade, os laços entre estas diferentes facetas dos problemas da população não aparecem bem claros e, embora reconhecendo na Europa as tres raças «fundamentais» clássicas — nórdicos, alpinos e mediterrâneos — o Dr. Martial fala-nos aqui e ali em «raça judaica» ou em «raça ariana» sem se saber ao certo o que elas são, e intitula corajosamente o seu livro «Raça francesa», quando, na verdade, teria feito melhor, a-pezar-de tudo, em escrever, por exemplo, «Etnia francesa»... Ele mesmo acha excelente a expressão «etnia» proposta por F. Regnault, embora o conjunto psíquico nesta apareça muito mais acentuado do que o físico. Mas poderia ampliar a expressão para «Bio-etnia»...

Na realidade, F. Martial emprega (p. 296) as palavras raça e etnia quasi como sinónimas, dizendo que uma raça, uma etnia, traduz a sua psicologia por um *habitus* exterior. De-certo. Mas o *habitus* externo duma etnia não é necessariamente uma raça.

Na sua definição de raça, já referida, Martial põe de parte o

mestiçamento « porque a raça é definida pelos seus resultados, por um estado, um *status*, um *habitus* ». « Os componentes desapareceram nela. Vê-se como esta definição é diversa da clássica, dos naturalistas, e esquece as diversidades somáticas no seio de muitas etnias.

Á parte o que há de confuso ou discutível em tal aspecto geral do livro, êste é cheio de interêsse e erudição. As origens do povo francês, os seus elementos, o seu desenvolvimento, as suas mestiçagens e cruzamentos, o sua expansão, aparecem ali estudados com uma riqueza magnífica de documentos e informes. Muito curioso para nós o pequeno capítulo sôbre os Portugueses em França. Importante a parte do livro consagrada aos Judeus.

Martial põe em evidencia os riscos que experimenta hoje a vitalidade francesa. Trata largamente os problemas demográficos do seu país e acentua neste o abandôno progressivo das actividades agrícolas, cuja origem vai buscar ao elemento lígure que, com os Gauleses e os Romanos, entende ter sido creador da « Raça Francesa ».

Sejam quais fôrem as objecções que suscite nalguns pontos, o livro do dr. Martial merece ser lido com atenção e é de grande proveito para todos os que se interessam pelos problemas populacionais, hoje em justo relêvo nos países civilizados.

M. C.

PIERRE ROFFO — *Sur deux gisements paléolithiques des environs d'Alger* — Extr. da « *Revue Africaine* », Alger, 1933; *Les civilisations paléolithiques du M' Zab* — 1 broch. illustr. de 75 págs., Alger, 1934; *Découvertes préhistoriques dans la région de Djelfa* — Extr. da « *Rev. Anthropologique* », t. XLV, Paris, 1935.

O conhecimento do paleolítico norte-africano vai constantemente progredindo. O A., no seu primeiro estudo, ocupa-se de duas estações paleolíticas de Sidi-Salém, a 30 km. a E. de Argel. São estações de superfície, pobres em documentos líticos, apresentando-se estes sem pátina marcada, factos que dificultam conclusões definitivas. Tipològicamente, porém, o A. reconhece a presença de uma utensilhagem grosseira mustierense, em quartzite, outras também mustierenses mais evolutidas em quartzite e em sílex, e emfim uma utensilhagem rara e mais fina de técnica

aterense, em sílex. Apareceu apenas uma peça capsense em sílex. Numa das jazidas surgiu um pequeno *coup de poing* chéleo-acheulense em quartzite, muito desgastado.

Com oportunidade o A. recorda as considerações de Boule sôbre a passagem da indústria grosseira de quartzite para a indústria cuja matéria prima é o sílex.

Na segunda memória, o dr. Roffo, discípulo do illustre prof. Reygasse, descreve as suas descobertas paleolíticas na região do M' Zab, no Saará septentrional, ao S. da provincia de Argel, região que até agora não tinha fornecido quaisquer achados líticos. As novas estações estão escalonadas quasi tôdas junto da pista Ghardaïa — Beni Isguen — El Golea, e são cêrca duma dúzia, sendo duma riqueza variável em instrumentos, que, porém, o M' Zab forneceu num total de 2:959. As estações pertencem ao paleolítico médio e superior, sendo de fácies nitidamente saariana pela sua pátina desértica e pelos conjuntos que formam. Novidades estão numa indústria de afinidade capsense pura, em instrumentos em crescente, e em formas aberrantes que constituiriam uma fácies local do aterense.

O capsense, puro ou misturado com outras indústrias, está representado no M' Zab, faltando, porém, aqui muitas formas, os ovos de avestruz, ossos trabalhados, mós e fauna. No entanto, diz o A., este capsense é mais antigo do que o encontrado até hoje no Saará. O iberomaurusense falta no M' Zab. O dr. Roffo espera, porém, novas revelações noutras explorações que venham a realizar-se.

Interessa-nos dum modo especial o capsense final, com formas microlíticas geométricas de afinidades tardenoisenses, que aparece nalgumas estações (estações III e IV, Kef-Haouri, Gara-Taam).

Emfim, no seu terceiro estudo, o dr. Roffo descreve alguns ateliers líticos de fácies mustierense, aterense e capsense que descobriu ao sul de Djelfa, prolongamento meridional da provincia de Argel, também no território de Ghardaïa. Abunda a utensilhagem do capsense superior, aparecendo mesmo alguma capsense final. A pátina desértica não é completa. Aparecem núcleos e instrumentos em calcáreo, duma fácies mustierense evoluída ou aterense.

É importante o novo material fornecido pelo dr. Roffo para o conhecimento do paleolítico norte-africano. A maior dificuldade neste estudo é a falta de indicações estratigráficas ou faunísticas por se tratar, em geral, de estações de superfície, como sucede quasi sempre também no nosso paleolítico. A tipologia e a pátina não bastam para um escalonamento cronológico preciso mas, não

havendo mais elementos, temos de nos fundar exclusivamente nelas, salvaguardando com prudência rectificações futuras.

M. C.

A. DARPEIX — Station préhistorique de La Forge — Extr. do «Bull de la Soc. Histor. et Archéol. du Périgord», Périgueux, 1934.

Com o seu saudável sogro, M. Bourrinet, o A. dêste artigo fêz em 1925 a exploração desta estação madalenense da comuna de Plazac (Dordogne). Dá-nos a descrição do local, a estatigrafia, o inventário das peças líticas. Ausência de fauna, de ossos humanos, de indústria em osso ou chifre, de gravuras ou esculturas. Pela indústria lítica o A. fixa-se no madalenense (III ou IV).

M. C.

COMTE BÉGOUEN — Femmes préhistoriques — Toulouse, 1935.

Pequenina brochura sobre as conhecidas estatuetas femininas do paleolítico superior. Contra Luquet, que atribui às estatuetas aurinhacenses um fim estético, o Conde Béguen considera-as relacionadas com um rito mágico da fecundidade. No madalenense esta idea desaparece. Muito interessantes as considerações do A. sobre a tatuagem, a pintura corporal, o penteado, etc., nas mulheres prehistóricas.

M. C.

HUGO OBERMAIER — Estudios prehistóricos en la provincia de Granada — Extr. do «Anuário de Archiveros, Bibliotecários y Arqueólogos», vol. I, Madrid, 1934.

O sábio professor Obermaier explorou em 1916 a região da Serra de Harana, entre Moreda e Granada. Descobriu aí quatro abrigos com pinturas rupestres, e vários jazigos paleolíticos. É dêstes últimos que se ocupa no presente artigo. Trata-se, na sua maioria, de estações de superfície, com indústrias líticas mais ou menos misturadas, mas predominantemente do mustierense e do aurinhacense, surgindo, nalgumas, também peças neolíticas.

Como diz o A., os achados do paleolítico inferior da Serra

de Harana relacionam geográficamente os das províncias de Cádiz e Málaga com os das províncias de Almería e Múrcia. Quanto aos do paleolítico superior, teem grande importância por se conhecerem até hoje apenas estações do aurinhacense a leste desta região e poderem contribuir, como novos achados, para o esclarecimento de relações com o N. de África.

O Prof. Obermaier entende que mais uma vez se verifica haverem sido exageradas a área e importância do capsense, das quais, por exemplo, cabe ao aurinhacense reivindicar grande parte. Recentes descobertas levariam a imaginar a pátria do aurinhacense na Ásia Ocidental, donde se estabeleceriam várias correntes de expansão, duas das quais — uma através da Europa e outra pelo N. de África — viriam convergir na Península Ibérica. Depois dos trabalhos de Vaufray, é admissível que o capsense mais antigo seja uma civilização local, limitada ao S. da província de Constantina e ao de Túnis. O paleolítico superior europeu teria tido muito maior influência na Península Ibérica do que antes se supunha. As «gentes do norte», de caçadores da rena e do mamute, penetraram aqui mais do que se julgava. No paleolítico superior mais antigo foram até ao S. da Península; depois, ter-se-ia dado uma evolução local ou um prolongamento tardio do aurinhacense, um epi-aurinhacense, sincrónico do solútreo-madalenense europeu. É então que surgem na Península os primeiros indícios do capsense, mas a arte rupestre estabelece nitidamente o carácter mediterrâneo, não derivado de França, da unidade cultural levantina e meridional da Espanha, unidade que então se constitui. A propósito, o A. afirma que ninguém pode hoje duvidar seriamente da idade quaternária das pinturas rupestres do levante espanhol, sobretudo depois da aparição em Parpalló, em níveis solútreo-madalenenses, de gravuras de estilo levantino ao lado das de estilo cantábrico.

Em suma o Prof. Obermaier, reconhecendo a existência dum domínio aurinhacense mediterrâneo e apenas, então, de algumas infiltrações capsenses na Península, entende que a principal vaga capsense não se espraiou ali marcadamente durante o aurinhacense e o epi-aurinhacense, mas só na fase final do capsense, coetâneo do azilense do N. de Espanha e do mais antigo tardenoisense francês. É a vaga que se apresenta «na sua forma pura» nos concheiros de Muge, e ao capsense final pertenceria também a mais antiga arte rupestre esquemática da Andaluzia, Serra Morena e Extremadura. A onda capso-tardenoisense invadiria no período subsequente a França, a Bélgica e a Inglaterra e chegaria à Dinamarca (desenhos do estilo capsense nos jazigos maglemosenses).

É de-certo muito sugestivo êste quadro geral que, com a sua grande autoridade, nos desenha o eminente prehistoriador, mas sem dúvida êle mesmo reconhece o seu carácter provisório, porque o conhecimento de algumas estações ainda é excessivamente sumário e imperfeito, sendo também de esperar novos achados que confirmem ou rectifiquem ilações como as expostas. Além disso, a reconstituição da marcha das civilizações prehistóricas na sua difusão assenta sôbre elementos por vezes demasiado precários. Mas a resenha de Obermaier é uma exposição autorizada do «estado actual da questão».

M. C.

FEDERICO MANCIÑEIRA PARDÓ DE LAMA — *Los castros prehistóricos del norte de Galicia* — Sep. do vol. I do «Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos», Madrid, 1934, 19 págs., 12 figs.

Na comarca ortegalesa, situada na ponta mais setentrional da Espanha, banhada pelo Atlântico e pelo Cantábrico, descobriu o A. numa área de cêrca de 700 quilómetros quadrados nada menos de 57 castros, irregularmente distribuídos desde a orla marítima até meia encosta das montanhas do interior. Dêste notável grupo castrejo, 36 são pre-históricos, alguns dos quais mais ou menos romanizados, e 21 essencialmente romanos, os *castra stativa*.

Estuda em especial os castros pre-históricos que aponta como os mais simples e de mais rudimentares processos defensivos entre os castros da Galiza.

A despeito da falta de escavações sistemáticas, falta que o próprio A. põe em destaque, e baseado nas suas características de situação, forma e natureza dos elementos defensivos, estabelece vários tipos assim discriminados:

a) Castros circulares ou ovais, situados quer em altos montes de ladeiras abruptas, quer em cabeços mais baixos e de encostas suaves, constituídos por um único parapeito térreo e um fôssco, e que em casos excepcionais apresentam um segundo fôssco a reforçar o lado mais acessível. A entrada no recinto entrincheirado fazia-se por uma aberta no parapeito levada até ao nível do mesmo recinto.

Do espólio arqueológico aparecido neste tipo de castros cita: machados de bronze de talão e anilhas, fragmentos de delgadas lâminas de cobre, cerâmica grosseira, restos de objectos

em ferro, um torques (?) de ouro, parte duma fíbula de tipo sabrosino, singelamente ornamentada no apêndice caudal, e vestígios de construções de pedra, algumas em forma de fornos.

b) Castros compostos, semelhantes aos anteriores mas apresentando anexo um ante-castro, ou seja, um segundo recinto em crescente lunar formado por outro terraplano um tanto escavado e situado num plano inferior ao entrincheiramento principal,

Como resultado de escavações sumárias em dois dêstes castros o A. refere restos duma pequeníssima habitação rectangular e na mesma vestígios da lareira com cinzas, fragmentos de vasos de cerâmica e um pequeno polidor manual, de pedra.

Num ante-castro descobriu uma espécie de rua estreita pavimentada à maneira das da citânia de Briteiros, marginada por ruínas de pequenas construções e entre elas parte dum pequeno «hogar» semi-circular, que só continha cinza.

O A. soube por informação que num dêstes castros têm aparecido «una especie de groseras cajas cuadrilongas de piedra, formadas por cuatro toscas lajas, clavadas de canto». Aventa a hipótese de se tratar de cistas, o que, a ser assim, documentaria a civilização do bronze. Neste tipo de necrópoles têm aparecido também alguns machados de pedra polida.

c) Castros simples. Pouco numerosos e situados em torno de alguns valesinhos litorais.

Não assentam nos cumes, em proeminências, mas sim no plano inclinado das faldas das colinas, sendo por isso dominados pelo prolongamento ascendente das mesmas.

Estes castros são de forma semicircular ou em ferradura com a parte convexa para o lado da encosta. O parapeito térreo, bem como o fôssco só contornam a parte convexa e os lados, enquanto que a frente inferior ou corda do arco foi simplesmente arranjada em terraço ou degrau, e assim pode dominar o sector baixo da ladeira em que assenta.

Todos estes castros têm fôssco, o qual adquire maior importância do que na generalidade dos tipos anteriores, de forma a compensar a situação topográfica desvantajosa.

Nestes castros teem aparecido machados de pedra polida, bastante cerâmica grosseira e mós manuais. Num castro dêste tipo encontrou-se cerâmica ornamentada, um punho de bronze duma espada de antenas de Hallstatt e um grande machado de ferro semelhante aos actuais de La Tène.

d) Finalmente um 4.º tipo representado por um único castro que pela sua forma circular e leves vestígios de pequeno fôssco e parapeito de mediano relêvo podia classificar-se no 1.º tipo mas que o A. individualisa, e bem, pela circunstância singular de estar

situado no meio de terras pantanosas, em situação nem dominante nem dominada dada a horizontalidade do terreno.

Na parte final faz eruditas considerações sobre a cultura dos castros e sua cronologia pondo em destaque a necessidade de se fazerem escavações sistemáticas em várias regiões do noroeste peninsular de forma a poderem ser esclarecidos devidamente os problemas arqueológicos postos em tórno da civilização castreja.

Desnecessário será encarecer o extraordinário interêsse que têm os estudos, que, como o do notável arqueólogo galego D. Federico Manciñeira, representam tentativas de sistematização dos castros do noroeste peninsular.

A designação de castro simples, dado pelo A. a um tipo de castro que como os outros apresenta parapeito e fôssos, parece-me que poderia ser substituída com vantagem por outra que especificasse precisamente a sua situação na base da encosta, no que essencialmente se distingue dos outros tipos.

SANTOS JÚNIOR.

EUGENIO JALHAY — El culto del hacha en el Castro de Santa Tecla (La Guardia-Pontevedra) — Sep. do n.º 216 do «Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense», Orense, s. d.; Alguns cossoiros notáveis do «Castêlo» de Tendais. Sep. da «Revista de Arqueologia», tomo 1.º, fasc. IX, Lisboa, 1934.

A propósito do aparecimento, no ano último, em Santa Tecla, de duas estelas em granito tendo gravadas cada uma delas um báculo-espiral com um machado triangular na sua base recorda a descoberta ali feita em 1919 dum rochedo com várias gravuras rupestres entre as quais sobressaía uma representação dum machado chato do tipo dos do primeiro período de bronze.

O A., com uma notável erudição, passa em revista os achados de vária ordem que são considerados como representações simbólicas ou votivas de machados em gravuras rupestres, dolmens e menhirs.

A par do culto da serpente e do culto solar que tiveram larga difusão no noroeste peninsular, havia também o culto do machado que o autor diz, e bem, ser confirmado pelos achados de Santa Tecla.

E termina o primeiro artigo concluindo que o culto do machado existente em Santa Tecla nos princípios da idade do bronze, como o atesta a gravura rupestre descoberta em 1919, persistia na idade do ferro como provam os gravados das estelas.

Num castro da freguesia da Tendais, concelho de Sinfães, a par de grande quantidade de cerâmica castreja, apareceu uma lança de ferro, e mais tarde 3 cossoiros de pedra, um liso e dois ornamentados.

O liso é de granito e dos outros um é de calcáreo e o outro também de granito.

O de calcáreo tem numa das faces, à volta do orifício que o atravessa de cima abaixo, 9 covinhas em disposição grosseiramente circular.

O terceiro cossoiro é o mais interessante dos três, não só pelas suas grandes dimensões e forma de disco achatado, como também pela ornamentação que o enfeita.

Numa das faces há 34 covinhas dispostas em dois círculos irregularmente concêntricos. Do outro lado dois quadriláteros o maior envolvendo o mais pequeno e tendo ambos como centro o orifício principal do cossoiro. Entre os dois quadriláteros oito covinhas simetricamente dispostas em dois lados opostos. O bordo é riscado a tóda a roda por um sulco equidistante das duas faces e cortado por 15 traços verticais separados uns dos outros cerca de 1 centímetro. O cuidado que o Sr. P.º Jalhay, arqueólogo distintíssimo, põe em todos os seus trabalhos, é uma vez mais demonstrado na notícia que estamos analisando, não só pela bibliografia que compulsou, mas pelo estudo comparado que faz com outros objectos arqueológicos semelhantes, o que lhe permite emitir a hipótese de que os cossoiros ornamentados de Tendais teriam um significado necrolátrico.

S. J.

FERNANDO MOUTA — Contribuição para o estudo da pre-história angolense (Distrito de Malange) — Sep. do t. XIX das «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», Lisboa, 1934, 13 págs., 1 carta e 4 est. com 9 figs.

O A. foi encarregado dos estudos geológicos na Brigada de Estudos do Prolongamento do Caminho de Ferro de Luanda Além Malange, e nessa missão teve ensejo de descobrir uma interessante estação pre-histórica em N'zongôlo, baixa do Cassanje, Malange.

Trata-se duma jazida de superfície que forneceu machados (?), raspadores, coups de poing, facas, etc., ao todo 56 peças em pedra de natureza siliciosa, grés polimorfo, por vezes verdadeiro sílex.

Pelo estudo sumário destes instrumentos grosseiros conclue o A. que deve tratar-se duma estação paleolítica.

É mais um trabalho com que o Engenheiro Fernando Mouta concorre para o conhecimento científico da nossa grande colónia. Valiosos estudos de geologia, de etnografia e de arqueologia de Angola conferem-lhe um lugar do maior destaque entre os que desinteressadamente e com maior entusiasmo estudam os largos tesouros científicos do nosso grandioso império.

S. J.

MARCELLE WEISSEN-SZUMLANSKA (M.^{me} GEORGES VICREY) — *Un foyer primitif de civilisation* — «*Afrique*», XII année, Alger, Février 1935.

Nestas breves oito páginas, ardentes de entusiasmo pela decifração dos mistérios do passado, M.^{me} Georges Vicrey alude às brilhantes manifestações da arte parietal quaternária no ocidente europeu, às hipóteses sobre a existência dum foco pré-histórico de civilização atlântica — independente do domínio do Mediterrâneo oriental —, a ritos funerários, também ocidentais da pintura dos mortos e das câmaras mortuárias com ocre vermelho, ao culto solar «espiritualista e individualista», à abundância inumerável de dolmens de formas clássicas nos altos platós do Atlas, às suas explorações no Medras'en, etc.

De tôdas essas considerações, a Autora, inclinando-se para a tese ocidentalista, infere a necessidade de se procurarem indicações «cada vez mais precisas» sobre as relações entre as antiguidades da Europa ocidental e as do domínio norte-africano. É evidente essa necessidade, se bem que algumas relações se vão já esboçando entre as duas áreas. Simplesmente, ao mesmo tempo que surgem afinidades, notam-se também diferenças.

M. C.

DR. LOTHAR WICKERT — *Epigrafiá emeritense* — «*Anuário del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecários y Arqueólogos*», vol. I, Madrid, 1934.

O infatigável continuador de Hübner no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, dr. Lothar Wickert, associa-se à homenagem a D. José Ramon Mélida, prestada neste volume do *Anuário de Arquivistas, Bibliotecários e Arqueólogos*, ocupando-se de algumas inscrições

de Mérida, onde as pesquisas de Mélida exumaram numerosos documentos epigráficos.

Uma das inscrições estudadas por Wickert refere-se a uma reforma do teatro local no século IV. Outras inscrições, de carácter funerário, referem-se a personagens oficiais, a uma mulher que o marido louvava como mãe excelente e não, ao contrário do que se supoz, como médica ou parteira, etc. Nesta última inscrição leu-se «*medica optima*» onde autorizadamente Wickert reconhece «*mater optima*».

M. C.

Davidson Black (1884-1934) — *In Memoriam* — Geological Society of China, Peking Society of Natural History — Peiping, 1934.

A cuidada *plquette* que temos diante de nós, representa uma piedosa homenagem ao antropologista Davidson Black, falecido subitamente no seu laboratório, em Pekim, em 15 de Março de 1934. Davidson Black deixou um nome célebre pelos seus estudos sobre o *Sinanthropus pekinensis*, o famoso fóssil de Chu-Ku-Tien. Era discípulo da escola anatómica de Elliot Smith.

Nesta brochura comemorativa que contém o seu retrato, a sua biografia e a sua bibliografia, colaboraram, entre outros, o dr. Wong Wen Hao, director do Serviço Geológico da China, o dr. Paul Stevenson, professor de Anatomia, presidente da Sociedade de História Natural de Pekim, o dr. V. K. Ting, o dr. Amadens Graban, o P.^o Teilhard de Chardin, o dr. C. C. Yong, Mr. W. C. Pei, etc.

M. C.

G. H. LUQUET — *Deux problèmes psychologiques de l'art primitif* — «*Journal de Psychologie*», XXX^e année, Paris, 1933.

São bem conhecidos os importantes trabalhos de Luquet sobre a arte dos primitivos e a arte das crianças. Na sua opinião, o desenho figurado inicia-se pelo realismo intelectual (desenhar o que se sabe existir no objecto, ainda que não seja visível ao observador) que vai sendo substituído gradualmente pelo realismo visual (desenhar apenas o que se vê).

No presente artigo, extremamente documentado como são em geral os trabalhos do A., este examina o estado actual e os métodos de resolução de dois problemas psicológicos da evolução da

arte. O primeiro desses problemas diz respeito à ordem de sucessão de representação estática de animais em perfil absoluto ou em perfil relativo. No primeiro modo de representação, dos órgãos pares (patas, chifres, olhos, etc.) é figurado apenas, para cada par, um dos elementos. O perfil relativo ou perfil simples compreende a representação dos dois elementos.

O outro problema focado é o que diz respeito aos processos de narração gráfica do movimento ou de representação de espectáculos dinâmicos, de histórias. O A. indica as variedades dessas representações e, como para o problema anterior, as dificuldades em analisar experimentalmente o processo da sua evolução.

M. C.

DR. EMIL BREITINGER — *Körperform und sportliche Leistung Jugendlicher* — München, 1933.

Com o fim de estudar a dependência entre progressos obtidos nos exercícios de ginástica pela mocidade das escolas bávaras e a sua forma de corpo, mediu o A. cerca de 3.000 alunos que frequentavam essas escolas. Depois de os separar por idades desde os 10 aos 19 anos, calculou os diferentes coeficientes de correlação entre os caracteres métricos e as informações de aproveitamento.

Duma maneira geral os coeficientes entre a estatura e os informações dos exercícios físicos são pequenos (máximo 0,54 entre a estatura e o salto em altura) predominando os maiores desde os 14 aos 16 anos de idade. Entre o peso dos ginastas e os diferentes exercícios também os valores da correlação não são grandes (máximo 0,62 entre o peso e o arremesso da esfera aos 15 anos) e o A. diz que ela é maior nos exercícios em que é necessário imprimir uma aceleração a uma carga alheia ao corpo enquanto que é quasi nula naqueles em que o próprio corpo tem de ser deslocado, como nas corridas e no salto. Quasi que não há relação entre o comprimento do braço e os exercícios de arremesso. Pelo contrário há uma parcial diminuição dos resultados da corrida e dos saltos relativamente ao comprimento da perna.

E há uma forte semelhança entre os valores dos coeficientes de correlação já encontrados para o peso e os exercícios físicos e entre estes, a largura biacromial e o perímetro torácico.

O A. observa que os valores médios dos resultados dos exercícios físicos se encontram nos alunos pertencentes ao tipo

constitucional eurisoma, enquanto que os menores coincidem com os tipos leptosomas.

Duma maneira geral, conclue o A., que os caracteres somáticos isolados, como comprimento da perna, largura biacromial, etc., não favorecem por si só os progressos que se podem obter nos exercícios físicos, os quais estão mais ligados aos tipos constitucionais.

A. A.

EGON FREIHERR V. EICKSTEDT — *Die Mediterranen in Wales* — in «*Zeitschrift für Rassenkunde*», vol., I, fasc. I, Stuttgart, 1935.

O A. apresenta um estudo sobre a população de raça mediterrânea do país de Gales, baseado em investigações antropológicas feitas em Llangynog, Kerry e no sul e norte de Montgomery, e na arqueologia pré-histórica e histórica da região.

É um estudo minucioso e documentado, que muito contribue para os nossos conhecimentos sobre a expansão da raça mediterrânea e sua cultura pré-histórica.

O A. chegou à conclusão de que no país de Gales existem dois elementos: um de baixa estatura, dolicocefalo (índice 77) e cameprósopo, e outro de estatura elevada, com o índice cefálico médio de 79 e mais leptoprosopo que o primeiro. Estes dois elementos encontram-se representados, aproximadamente, em partes iguais.

Segundo o A., a entrada do elemento mediterrâneo nesta região deve ter tido lugar logo após o último período glaciário, dando-se uma segunda invasão entre os anos 4.000 e 2.000 a. C..

As conclusões a que o A. chegou neste seu trabalho concordam com as já obtidas por outros investigadores, mostrando que no país de Gales o elemento mediterrâneo não foi absorvido pelo nórdico, porquanto algumas aldeias de Llangynog e de Kerry, os indivíduos com caracteres da raça mediterrânea ultrapassam em cerca de 20 %, os que possuem caracteres de raça nórdica.

A. A.

ARMANDO PINTO CORRÊA — *Gentio de Timor* — 1 vol. ilustrado de 360 págs., Lisboa, 1935.

Antigo administrador da circunscrição de Baucau, em Timor, o sr. Armando Pinto Corrêa coligiu durante cerca de 6 anos de

permanência na longínqua colónia portuguesa, uma quantidade considerável de informes etnográficos sobre a região de Baucau e outros pontos da ilha. Os costumes e tradições relativos ao nascimento, à infância, à adolescência, ao casamento, à morte, guerras, alianças, desportos, organização social, medicina, cultos, festas periódicas, lendas, etc., são desenvolvidamente descritos neste livro, que é, sem favor, um dos mais notáveis que se têm publicado sobre etnografia colonial portuguesa. Uma bibliografia sobre a ilha de Timor e algumas ilustrações acompanham o valioso estudo.

Pinto Corrêa é céptico em relação a devaneios de alguns « antropólogos e etnógrafos » sobre as origens étnicas dos Timorenses e escreve com razão: « prehistória, arqueologia, antropologia, etnologia, são líquidos capitosos que embebedam cabeças fracas, espíritos pouco disciplinados, propensos a tomarem a nuvem por Juno e a fazerem dum argueiro um autêntico cavaleiro... » Mas a alusão evidente logo em seguida feita à série craniológica de Timor, estudada por Barros e Cunha, suscitou ao ilustre antropologista de Coimbra uma carta na imprensa que mostrou não ter essa série a suposta origem que cientificamente a desvalorizaria, de modo completo e definitivo, para o estudo dos timorenses.

Por outro lado, não sabemos quem tenham sido os « antropologistas » que, segundo o A., tomaram a sério as « mágicas descobertas » que serviram de alicerce às fantasias de conferentes « manipuladores dum estapafúrdio repertório de lendas » sobre timorenses. Ao contrário do que supõe o A., não chegaram, que saibamos, êsses devaneios a fazer incursão em qualquer congresso antropológico recente, se bem que tivessem sido anunciados sob o patronato dum instituto científico, desconhecedor por-certo do conteúdo real das comunicações. Quem escreve estas linhas viu diversas peças cerâmicas e osteológicas sobre as quais se pretendeu architectar toda uma nova mitologia timorense e em que se quiz descortinar imprevistas raízes etnológicas para aquela população. Com a mesma prudência que tem posto invariavelmente em todos os seus estudos, ficou cheio de cepticismo perante tão heteróclito e vago material, cuja proveniência não era esclarecida com os pormenores que na autêntica ciência se exigem como garantia documental e que, além disso, não apresentava os indícios objetivos duma antiguidade respeitável e significativa.

Ignoramos se alguém mais, com responsabilidades técnicas, viu êsse espólio e se pronunciou sobre êle.

Precisamente às rasgadas e pressurosas fantasias que prejudicam perante o grande público o prestígio de ramos sérios de

estudo, o sr. Pinto Corrêa prefere a colheita paciente e meticulosa dos factos. O seu livro demonstra brilhantemente o labor aturado e fecundo que realizou durante a sua estada em Timor.

M. C.

DOEKE BROUWER — *Bijdrage tot de Anthropologie der Aloreiland* — 1 vol. de 155 pág., excelentemente ilustr., Amsterdam, s. d.

A escola antropológica de Amsterdam que tem por figura primordial o ilustre professor Kleiweg de Zwaan, continua dando à estampa os resultados de sucessivas investigações no arquipélago timorense, sobre o qual já se publicaram importantes trabalhos de Ten Kate, Kleiweg, Bijlmer e outros distintos antropólogos holandeses.

O presente estudo refere-se às ilhas de Alor e Pantar, tendo o autor realizado ali mais de 1500 observações somatológicas em indivíduos dos dois sexos. Sucessivamente Brouwer expõe os resultados que obteve para a estatura, índices cefálico, nasal, facial, fronto-interorbital e outros caracteres métricos, e para a cor da pele, enrolamento do cabelo, grupos sanguíneos, etc., e chega à conclusão de que os montanhese das referidas ilhas são « Melanésios, resultantes duma mistura de elementos Proto-malaíos, com forte adição do elemento Papua ».

Tendo distinguido nas duas ilhas sete grupos para o seu estudo (Alor, Kalong, Barawahing, O-Alor, Lemma, M-Pantar, Kabir), o Autor mostra algumas diferenças entre estes grupos, aliás todos mais ou menos dolicocefalos ou subdolicocefalos e com pequena proporção de pregas mongólicas. O índice-bioquímico mostra em geral fraca proporção do grupo A, mas ao passo que esta excede nos insulares de Pantar a proporção de B, dá-se o inverso nos insulares de Alor. Em ambas as populações o grupo O é muito frequente.

Quadros detalhados das medidas e índices, gráficos, bons métodos estatísticos, excelentes e numerosas fotografias, larga bibliografia, valorizam êste trabalho que honra o seu autor e a escola de que provém.

M. C.

EDWIN M. LOEB & ROBERT HEIN-GELDERN — *Sumatra — Its history and people* (E. Loeb); *The Archaeology and Art of Sumatra* (R. H. Geldern), 1 vol. de 350 págs. ilustrado, Viena, 1935.

Teem sido escritos vários livros sôbre Sumatra, mas não tão completos como este, sob o ponto de vista etnográfico. Os autores que firmam a presente obra, dividiram entre si a tarefa de escrever um livro o mais desenvolvido possível, sôbre os habitantes desta grande ilha da Insulíndia. Coube a E. Loeb a parte histórica e etnográfica e a R. Hein-Geldern a parte relativa à arte e arqueologia.

Na introdução descreve-se sumariamente a geografia, a geologia, o clima, a fauna, a história, as raças e povos, a divisão política e lingüística, e a população. Na história, como não podia deixar de ser, fazem-se referências à estada dos portugueses em Sumatra e ao modo como esta passou das nossas mãos para as dos holandeses.

Depois, o povo, a vida económica, a sociedade e a religião das diferentes regiões sumatrenses, são descritos com cuidado.

Na parte de Hein-Geldern, expõem-se os dados arqueológicos de Sumatra, comparando-os com o estado actual da cultura dos diferentes povos que a habitam.

Do estudo comparado das manifestações artísticas conclue o A. que se devem admitir influências do vários povos circunvizinhos e de alguns distantes.

A. M.

J. P. PÔRTO-CARRERO — *Grandeza e Misérias do Sexo* — 1 vol. de 200 págs., Irmãos Pongetti, Rio de Janeiro, 1934.

O ilustre psicanalista brasileiro, Prof. Pôrto-Carrero reuniu neste volume, que se lê com vivíssimo interesse, uma série de artigos e estudos sôbre o crime passional, o abôrto legal, a educação sexual, o exame pre-nupcial, o sentimento de inferioridade física, e outros problemas médico-sociais que tem estado últimamente na tela do debate no mundo científico e até em meios extra-científicos.

Pôrto-Carrero é um convicto defensor das doutrinas de Freud cuja orientação segue na análise das paixões criminosas, do sentimento de inferioridade física, na questão da educação sexual, etc. A verdade é que a leitura dum livro como o de Genil-Perrin nos

deixa muito cépticos quanto à extensão e oportunidade da psicanálise em criminologia e medicina legal. Quando os próprios partidários reconhecem o que há de utópico na criminologia psicanalítica, e como é reduzido o número de casos em que a interpretação e a terapêutica respectiva teriam cabimento, não será arriscado fazer tábua rasa dos actuais meios de defeza social para nada lhes substituir de eficiente?

Mas o eminente professor brasileiro de Medicina Legal não se arreceia das terapêuticas mais revolucionárias, menos consentâneas com as opiniões tradicionais, para a solução de vários males que afligem a humanidade. As suas ideas favoráveis ao abortamento legal, por motivos eugénicos, profilácticos, terapêuticos, económicos, morais, estéticos e profissionais, chocaram, por exemplo, certos meios científicos do seu país, provocando debates na imprensa, no Congresso Médico-Sindicalista, na Academia de Medicina, etc. A educação sexual é por êle preconizada, de modo que a uma criança de 5 anos se não oculte já a maneira como foi gerada.

Conheço Pôrto-Carrero, os seus méritos, os seus sentimentos dignos. A um homem assim não se responde com celeuma, com protestos fusilantes de indignação. Discute-se serenamente com factos e razões. Êle não defende a liberdade de abortamento, mas a legalização dêste em certas condições. Temos de convir em que a sociedade tradicional condena a mulher, no ponto de vista sexual, a situações torturantes a que poupa iniquamente o homem. Temos de convir em que a educação sexual metódica e correcta seria preferível às desilusões bruscas em certos convívios juvenis, com todo o seu cortejo de conseqüências brutais e nocivas.

Mas tôdas estas soluções têm anverso e reverso. As mais desassombradas soluções racionais são espadas de dois gumes. Do abortamento prudentemente consentido e praticado em casos restritos, indicados pela mais perfeita lógica científica, dentro do respeito sagrado devido a uma vida humana — mesmo a uma vida embrionária —, não resultará na consciência pública, como da divulgação das práticas anti-concepcionais, a errónea, perigosa e indigna impressão de que a mais sã moral é conforme com a idea de que as relações sexuais no grupo humano não passam dum acto puramente animal, dum puro prazer sensual, a que se não liga o menor significado dignificador da espécie, e em que se não reconhecem as origens respeitáveis da vida? E o pudor mais elementar não será ferido, desvendando-se sem ambages a uma criança de 5 anos o processo fisiológico da sua origem? Estamos certos de que há muitas pessoas que, conhecendo os segredos da fecundação, nunca *pensaram* sequer no contacto entre os seus

progenitores do qual derivaram. Tamanho o ambiente de sagrada veneração que envolve os pais a nossos olhos. Há o direito de profanar sentimentos tão puros?

Da educação sexual sem limites, ao nudismo, ao amor livre, não medeia grande distância. A sociedade lucrará com o desaparecimento de todos os *tabús*? Bem sei que os há irracionais e nocivos mas também os há inofensivos e mesmo úteis. Que desapareça a rigidez de alguns, da qual resultam por vezes indefensáveis desgraças, plenamente de acôrdo. Que a severidade das tábuas de valores morais ou dos Códigos em relação ao abortamento seja compensada com medidas sociais de protecção à mulher, e que a educação sexual se faça gradualmente, habilmente, com decência e tacto—inteiramente de acôrdo também. Mas que o abortamento seja considerado correntemente de prática legítima (até por motivos estéticos!!!) e que os pais apareçam aos olhos dos filhos como simples animais reprodutores — não podemos concordar. Quanto ao abôrto, as causas mais correntes devem ser hoje as económicas e as morais: os filhos aparecem frequentemente como um encargo ou como uma vergonha. Removam-se essas causas, o abortamento tornar-se-á raríssimo. A solução preferível será a que a Itália procura hoje dar à situação desigual da mulher e dos matrimónios muito prolíficos, combatendo o celibato, protegendo inteligentemente a mulher que caiu, e o filho ilegítimo, protegendo as famílias numerosas, etc. Com que prazer lemos em «Lá Giustizia Penale» o discurso a tal respeito proferido na inauguração do ano judiciário de 1935 em Ancona pelo procurador geral Antonio Marongiu!

O livro de Pôrto-Carrero suscitaria um sem número de considerações, que não cabem nesta revista bibliográfica. Podemos não estar conformes — e não estamos — com muitas das suas opiniões, com os excessos freudianos na psicologia e na psiquiatria, com a latitude que o ilustre Mestre concede ao abortamento, à educação sexual, à indulgência com os delinquentes. Mas êle apresenta-nos com clareza e desassombro as suas ideas, expõe factos impressionantes, alguns da sua própria experiência clínica, e, se não tem inteiramente e invariavelmente razão, tem, algumas vezes, carradas de razão. O seu depoimento é o dum médico inteligente, culto e honesto. Não é infalível, não deve ser acolhido sem reservas, — mas é digno de ponderação serena.

M. C.

COLETTE HALLU — *L'Avenir professionnel des Enfants Anormaux et Délinquants* — 1 vol. de mais de 200 págs., Paris, 1934.

É uma tese de doutoramento em Direito, na qual, entretanto, o problema do destino profissional da infância anormal e delinquente é pôsto não apenas sob o aspecto jurídico, mas também sob os aspectos médico, pedagógico, moral e económico. Colette Hallu está bem orientada, notando-se no seu estudo um conhecimento profundo das instituições francesas que dizem respeito ao assunto, e dos ensinamentos de mestres, como Paul Boncour, repetidas vezes citado neste belo livro ao qual não falta a documentação concreta recolhida pela Autora na Escola Théophile Roussel e em Fresnes, como em patronatos.

Segundo a A., é evidente a insuficiência da organização francesa actual para tratamento de anormais, mas a insuficiência dessa organização é ainda mais manifesta no que se refere à *utilização* das anormais adaptáveis. Colette Hallu indica as perspectivas profissionais que se podem oferecer a menores atardados, instáveis, perversos, epilêpticos e delinquentes, mostrando como o regimen actual é geralmente desconexo e mau. Insiste na necessidade de instituições pedagógicas adequadas, de internatos de reeducação e de formação profissional, de patronatos, etc. A lei francesa de 1909 é deficiente; seria para desejar a adopção do projecto de lei de 1930. Isto no interesse dos menores e da sociedade a que êles podem ser úteis, em vez de prejudiciais.

De 45:969 crianças atardadas que se encontraram em França em 1927, só 2:000 são actualmente reeducadas em casas especiais. Pois a Suíça reeduca 5:700, a Holanda 6:397, a Alemanha 68:000, os Estados Unidos 96:000. E Portugal? Supomos que nem sequer há uma estatística de atardados. Expressivamente a A. diz que a orientação profissional considerada em geral é um problema, considerada em relação aos anormais envolve muitos problemas.

M. C.

GIULIO ANDREA BELLONI — *Sul "tipo" dell'uomo delinquente* — Quaderni de «La Corte d'Assise», n.º 9, Foggia, 1934.

O tipo criminal não aparece ao A. como «causa» do crime, mas antes como um «efeito» histórico do modo de viver e agir dos criminosos. A razão histórica, diz, fêz-se nêles natureza. Mas não há uma etiologia unitária do crime, nem a pretensa especifi-

cidade de caracteres. É necessário, segundo o A., examinar com «mente spregiudicata» as doutrinas criminológicas, tomando-as como hipóteses úteis de trabalho, e não apreciando-as dentro dum critério exclusivista de escola.

Não podemos senão aplaudir.

M. C.

LUÍS DE PINA — A propósito de alterações de figuras papilares digitais — Extr. do «Arquivo da Repartição de Antrop. Criminal do Pôrto», vol. III, Pôrto, 1935.

Este interessantíssimo artigo é motivado pelas publicações de Leonídio Ribeiro sobre as alterações patológicas dos desenhos digitais. Luís de Pina, como nós mesmos no Congresso de Identificação do Rio de Janeiro, acentua que estas alterações não destroem o princípio fundamental da dactiloscopia porque não significam a transformação dum tipo dactiloscópico noutro, mas a destruição progressiva das linhas papilares. Acrescenta Luís de Pina que Jeanselme, Blum e Terris já em 1923 demonstravam serem conhecidas dos dermatologistas as lesões papilares produzidas pela lepra. Este facto não significa, a nosso ver, que Leonídio Ribeiro não tenha tido o mérito de precaver os dactiloscopistas contra essas alterações e de estudar estas mais pormenorizadamente. Sobre as chamadas «linhas brancas» que o ilustre professor brasileiro considera possíveis sinais precoces da lepra, Luís de Pina tranqüiliza os seus portadores mostrando as divergências estatísticas a tal respeito.

Estes assuntos foram tratados numa sessão da nossa Sociedade à qual Luís de Pina apresentou o seu valioso trabalho, com muitas ilustrações. A propósito da discussão entre Locard e Leonídio Ribeiro, conclui-se que a divergência é mais aparente do que real. Nem Locard pode pretender que o princípio da dactiloscopia implica a indestructibilidade das linhas papilares por processos patológicos, nem Leonídio Ribeiro pretende certamente que as alterações patológicas destas invalidam aquele princípio, enunciado nos devidos termos. Com razão, Afrânio Peixoto, no dito Congresso, acentuou os perigos que há numa má interpretação dada pelo público a debates como este.

O estudo de Luís de Pina é circunspecto e documentado.

M. C.

RICARDO GUMBLETON DAUNT — Herschel e a dactyloscopia — 1 folheto de 31 págs. e várias estampas, São Paulo, 1934.

O sr. Gumbleton Daunt, chefe do Serviço de Identificação de São Paulo, procede neste opúsculo à revisão dos elementos relativos ao papel de W. Herschel na fundação da Dactiloscopia. Alguns autores, como Vucetich e Faulds, tinham reduzido a muito pouco ou a nada essa contribuição. As marcas digitais empregadas por Herschel nas Índias seriam borrões inexpressivos.

Pelo contrário, o sr. Gumbleton Daunt mostra sobre documentos incontrovertidos que no meado do século XIX Herschel obtivera verdadeiras impressões digitais, atribuindo-lhes um valor, para identificação, superior à fotografia e provando a persistência e a variedade dos desenhos respectivos.

O A. entende que não há prova de ter sido empregada originariamente na China a impressão digital para fins de identificação, sendo comum no Oriente no emprêgo das simples manchas ou meros borrões dos dedos como marcas.

As ilustrações fornecidas pelo A. no seu estudo mostram que de facto Herschel se deve considerar um dos fundadores da Dactiloscopia científica.

M. C.

GERARDO DANIEL — Riforma penale nel Messico e Dottrina Giuridica Italiana — 1 vol. de 116 págs., Roma, 1933.

Neste pequeno volume, prefaciado pelo professor de direito penal de Turim, Eugénio Florian, o A. descreve a evolução da legislação penal no México nos últimos anos, acentuando a influência que no Código Almaraz teve o projecto italiano da Comissão Ferri. Em 1931 essa reforma teve um recuo, mas a-pesar-dos defeitos técnicos então introduzidos, os princípios doutrinários da escola italiana subsistem essencialmente.

Justamente respeitoso com a iniciativa de Lombroso, G. Daniel declara-se entretanto contrário à opinião de que o delinquentes tenha uma constituição atávica autónoma e específica, definida por caracteres diferenciais anatómicos e físicos. Mas, com razão, reconhece que entre os delinquentes há um grande número de anormais, com predisposições que não são aliás uniformes. É este facto que a lei mexicana aceita, e bem.

Embora ela não consigne a indeterminação da pena, por ser anti-constitucional, estabelece limites largos nas suas disposições sobre a reincidência, a delinquência habitual, a «retenção» ou

prolongamento da detenção dos presos que se conduzem mal, a liberdade condicional, a «relegação», etc. «O deliçante é, como pessoa concreta, o protagonista da justiça prática».

A lei estabelece o trabalho carcerário, a reparação do crime, etc., e nas Penitenciárias autoriza-se desde 1924 a «visita conjugal», hoje, porém, ampliada em virtude das falsificações matrimoniais que surgiram, tornando o regimen injusto. Essas visitas, reconhecidas de efeito moralizador, são autorizadas para detidos bem comportados, condenados pelo menos a dois meses de prisão, exigindo-se a quem os visita certificado de boa conduta e um certificado médico favorável.

É presumível que entre a letra dos Códigos e a sua aplicação haja diferenças: assim, o regimen de trabalho carcerário ainda está por organizar. Por outro lado, verifica-se que, nestes como noutros assuntos, as leis sofrem as vicissitudes das transformações políticas.

G. Daniel tem, porém, confiança no futuro. E é bem diferente o regimen penal mexicano de hoje, da legislação de Porfírio Dias que mandava executar imediatamente, sem qualquer julgamento, os estupradores, homicidas e ladrões, presos em flagrante...

No entanto, ainda há pouco nalguns estados do México era considerado criminoso e punível o exercício do seu ministério por um sacerdote supranumerário, isto é, por qualquer sacerdote que ultrapassasse um certo número de eclesiásticos tolerado para cada cem mil habitantes...

M. C.

RENATO KEHL — *Conduta* — 1 vol. de 236 págs., Rio de Janeiro, 1934.

O ilustre eugenista brasileiro continua na propaganda meritória dos sãos princípios de higiene do corpo e da alma. O presente livro é um excelente repositório de preceitos de moral prática para indivíduos dos dois sexos. «Estou certo — escreve Renato Kehl — de que, assim como se exercitam os músculos para obter e manter boa compleição física, deve-se exercitar a vontade para obter e manter firme a consciência moral». Sabedoria, verdade, vontade, domínio, disciplina, mentira, sinceridade, amizade, bondade, cólera, método, preguiça, polidez, prudência, são, como muitos outros, os títulos de capítulos deste livro. Enumerando-os, verifica-se que o Autor não fez uma sistematização rígida de matérias, mas reuniu apenas, sem preocupações de ordem de

assuntos, páginas soltas de boa moral que oferece sobretudo aos jovens.

De-certo transparece naquelas páginas o fundo de cultura científica de que o seu Autor dispõe, mas o objectivo do volume é acima de tudo moralizador, e este objectivo é atingido, graças especialmente às qualidades literárias de elegância, clareza, simplicidade e persuasão que o dr. Renato Kehl tem manifestado em constante progresso, assinalando-se hoje na vida brasileira não apenas como o cientista justamente reputado, mas como um escritor de notáveis recursos.

M. C.

HILÁRIO VEIGA DE CARVALHO — *Saúde e Medicina Legal* — 1 opúsculo, S. Paulo, 1934.

O jovem assistente do Instituto de Medicina Legal Oscar Freire, de S. Paulo, é seguramente um dos talentos mais prometedores da nova geração de cientistas brasileiros. No presente opúsculo, dá à estampa a palestra que realizou na Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de S. Paulo ao receber o Prémio Oscar Freire de 1929, prémio que lhe foi justamente outorgado pelos seus trabalhos de medicina legal.

Depois de sugestivas considerações literárias sobre a saúde, o A. mostra como o desespero que ela pode gerar em certos indivíduos, pode conduzir estes ao suicídio ou ao crime. Em 266 casos de suicídio que recolheu e estudou, deparou com exemplos em que a saúde desempenhava sem dúvida o principal papel etiológico. Já Ferraz Alvim, citado pelo A., havia notado que em 142 suicidas, a maioria (74) era de estrangeiros. «Não haverá aí saúde a invocar?»

Com razão, Veiga de Carvalho conclui: «Aquele que passou impune através a pena e a voz de poetas e cantores, teve um mau momento sob o bisturi do legista. Pôs-lhe, êle, a flor de liz à mostra. Denunciou-a. Abra-se inquerito».

Muito bem. A acusação está provada. Mas como eliminar a saúde nas almas em que ela nasce por causas irremediáveis? O dr. Hilário Veiga de Carvalho responderá de-certo que a ciência muitas vezes tem de se limitar à simples verificação de factos. Mas acrescentará sem dúvida que, evidenciados os perigos da saúde, é preciso não desamparar de vigilância e carinhos os infelizes que sofrem do doce mal...

M. C.

JAIME LOPES DIAS — Regime e organização do trabalho rural no concelho de Idanha-a-Nova — Separata do «Boletim de Agricultura», ano II, 3.^a série, Lisboa, 1934.

No concurso de monografias aberto pela Direcção Geral da Acção Social Agrária em 1933, foi premiado o trabalho, que temos presente, do ilustre etnógrafo, dr. Jaime Lopes Dias.

Entra esta valiosa monografia no campo dos nossos estudos sob um duplo aspecto: pelos informes etnográficos e históricos que fornece sobre Idanha-a-Nova, e pelos elementos importantes que contém sobre a demografia, higiene, conforto e outros problemas relativos à vitalidade daquela população.

O sr. dr. Jaime Lopes Dias põe em triste relêvo a insuficiência do trabalho regular para 1:500 famílias de jornaleiros, a falta de instrução e educação profissional, a deficiente alimentação do jornaleiro e de sua família, a falta de higiene, conforto, assistência médica, instituições de previdência, etc.

Muito sensatas as soluções que aventa para estes males.

M. C.

Zeitschrift für Rassenkunde, dirigida por Egon Freiherr von Eickstedt, Stuttgart, 1935.

Pela casa Ferdinand Enke Verlag, de Stuttgart, foi editada esta revista de Etnologia, que é dirigida pelo ilustre director do Instituto de Antropologia e Etnologia de Breslau.

Apresenta, êste primeiro fascículo, excelente colaboração abrangendo vários domínios da ciência antropológica e uma secção com valiosas informações do movimento científico antropológico de vários países.

Relativamente a Portugal insere uma notícia, firmada pelo sr. Prof. J. Pires de Lima, sobre o I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, realizado por ocasião da I Exposição Colonial, indicando essa notícia alguns trabalhos que ali foram apresentados.

A. A.